

CULTURA ASCURRENSE III

Prezados patrícios e assíduos leitores de *"JORNAL PAROLE"*. Pediram-me uma opinião sobre *"Cultura Ascurrense"*. Não sou filósofo como os articulistas precedentes. Sou do século passado, assim como você, leitor. Mas, também, não sou um Matusalém. Mal conheci meus avós paternos Angelo e Virgínia.

Ascurra, de nome paraguaio. De raiz européia. Por decisão de Dom Pedro, as terras dos aborígenes do sul do império brasileiro deveriam passar para os escravos negros, ex-combatentes, sobreviventes, se eles tivessem vencido a guerra. Venceram e não levaram. Quem levou foram os imigrantes italianos que invadiram as matas e os brejos de arroz. Os alemães de Otto Blumenau instalaram-se nas férteis planícies do Vale do Itajaí.

Houve miscigenação. Casaram-se pessoas, usos e costumes. Entenderam-se em *"brasilián"*. O italiano comeu "cuca" alemã e o *"tedesco"* se atracou na polenta italiana. Da Europa os italianos trouxeram um fervoroso catolicismo tradicional. Os alemães vieram com o luteranismo praticante. Nos primórdios até se hostilizavam por questões religiosas. Depois ficaram inteligentes. Agora vive-se cristãmente.

Da carroça e do arado-tatu passaram ao automóvel, ao trator. Instalaram a Ordem e o Progresso neste território. Beberam a globalização na totalidade das formas. No princípio era o verbo regular. Depois o irregular. As escolas eram precárias. O professor indicado pela comunidade, às vezes, sabia um pouco mais do que os discípulos... Suor e sangue derramados pelos avós geraram um município trabalhador, alegre, de política apaixonada. Nem todos são *"pão-duro"*... *bona parte si!* Uns tantos são religiosos por tradição. Outros observam quase todos os mandamentos...

Dessa massa sovada brotou um pão de culturas, misto de influências antropológicas, sociais, filosóficas, mitológicas, econômicas. Hoje encontramos agricultores bem equipados e professores gabaritados, mestres, doutores, padres, bispos, médicos, ortodontistas, especialistas, políticos e politiqueiros e... via dicendo. Personalidades formaram-se e honram Santa Catarina. Criou-se o bem-estar. Surgiu o saber. Abriam-se os belos horizontes. *Ascurra* tornou-se um porto alegre. Nasceu a utopia.

As vizinhas comunas não mais podem perguntar: *"De Nazaré (=Ascurra) pode sair algo de bom?"*. Saiu sim. O Colégio São Paulo e as escolas municipais formaram mais de dez mil cabeças (de gente) capazes e atuantes em todos os setores imagináveis. Já trabalhei em Santa Catarina, no Rio Grande, no Paraná e no Amazonas... mas quem bebeu da ascurrense água volta a sentir sede dela (da água).

A vida coletiva produz e transmite conhecimentos, cria intelectuais e artistas, desenvolve o social e, dentro dele, o indivíduo. Acontece o humanismo ascurrense. Não restam dúvidas de que há entraves que impedem maior mobilidade, mais aberturas para o progresso... afinal, *Ascurra* é uma pequena foto do Brasil.

Mas, apesar dos pesares, somos fruto de um solo fértil, de alvíssaras. Estamos colhendo. Há heróis e vilões cujos nomes se mantêm velados. Existem saudosismos e saudades. Quem tenta reconstruir sua árvore genealógica. Quem diga fazer parte dessa história. *Ascurra* é um pedacinho do mundo atual e continua precisando de quem ouse, de quem renove, de quem invente, de quem tenha visões do melhor.

A cultura herdada não é ponto estático. É base da utopia necessária para caminhar. As influências do passado moldaram o caráter do presente nas mentalidades de cada um de nós. Nosso sotaque nos trai mas não nos envergonha. Um dia, num restaurante do Rio de Janeiro, perguntaram-me de que país eu era, pois apesar de ser estrangeiro, falava bem o português... *"Sou estrangeiro de Ascurra, Santa Catarina", com muita honra. Lontrense de nascimento. Ascurrense de criação. Inculturado nesta terra, para mim maravilhosa.*

Pe. Luiz Bazzanella, salesiano. Faculdade de Filosofia, de Letras, de Pedagogia, Pós em Educação e Curso de Matemática.